

Contos insólitos na
escola: propostas para a
leitura literária no ensino
fundamental II

Contos insólitos na escola: propostas para a leitura literária no ensino fundamental II.

caderno pedagógico



PROFLETRAS

1ª edição
Vitória - ES
2026

Stéfany de Souza Campos Garcia
Lucas dos Passos e Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

G216c Garcia, Stéfany de Souza Campos.

Contos insólitos na escola [recurso eletrônico]: propostas para a leitura literária no ensino fundamental II / Stéfany de Souza Campos Garcia, Lucas dos Passos e Silva. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2026.

41 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-5331-174-9 (E-book)

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Couto, Mia, 1955- . 3. Leitura – Estudo e ensino. 4. Professores – Formação. I. Silva, Lucas dos Passos e. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 469.07

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

Av. Vitória, 1729 - Jucutuquara Vitória - ES
CEP: 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA

Letícia Queiroz de Carvalho
Fabiano de Oliveira Moraes

DIAGRAMAÇÃO

Eduardo B. Macieira Dahan

REVISÃO DO TEXTO

Os autores

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PROFLETRAS/IFES

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Modalidade de Ensino: Educação Básica

Área de Conhecimento: Educação e Ensino

Público-alvo: Professores, alunos e pesquisadores da área de Letras na Educação Básica.

Categoria deste produto: Didática

Finalidade: Auxiliar professores e profissionais com atuação em qualquer nível, nas práticas de leitura literária na Educação Básica.

Organização do Produto: O produto foi estruturado em sete capítulos, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção da leitura no contexto da Educação Básica.

Disponibilidade: Acesso irrestrito, respeitando a autoria e a não comercialização do produto.

Divulgação: Meio digital.

URL: Produto disponível no site do Profletras: [https:// profletras.vitoria.ifes.edu.br](https://profletras.vitoria.ifes.edu.br)

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado "Contos do insólito em Mia Couto: propostas para a leitura literária em círculos multisseriados no ensino fundamental II", desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras – Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS

Reitora

SANANDREIA TOREZANI PERINNI

Pró-Reitora de Ensino

MAÍRA MACIEL MATTOS DE OLIVEIRA

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

LEANDRO BITTI SANTA ANNA

Pró-Reitor de Administração e Orçamento

EGLON RHUAN SALAZAR GUIMARÃES

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

ANDERSON ROZENO BOZZETTI BATISTA

Pró-Reitor de Extensão

IFES – CAMPUS VITÓRIA

ANDRÉ GUSTAVO DE SOUSA GALDINO

Diretor Geral

LUCIANO LESSA LORENZONI

Diretor de Ensino

TELMA CAROLINA SMITH

Diretora de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI

Diretora de Administração

POLIANA DARÉ ZAMPIROLI PIRES

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

MAYELLI CALDAS DE CASTRO

Coordenadora do PROFLETRAS

Autores

Stéfany de Souza Campos Garcia



Mestre em Letras – ProfLetras (IFES), pesquisa leitura literária e literatura infanto-juvenil.

Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Professora de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação (SEDU)

Lucas dos Passos e Silva



Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (2016). Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Latim e professor permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Instituto Federal do Espírito Santo - campus Vitória, atuando principalmente nos seguintes temas: Paulo Leminski, poesia brasileira, estudo do texto poético, humor e literatura de testemunho.

Ilustrações

Eduardo B. Dahan



Estudou Design de Produto na UVV, uniu habilidades próprias de desenho artístico com desenho técnico em seus trabalhos de Ilustração e Design Gráfico.

Suas ilustrações estão presentes em livros infantis e identidades visuais de empresas nacionais e internacionais.

As ilustrações que compõem esse livro foram criadas pelo ilustrador Eduardo B. Dahan e as demais imagens que fazem referência a livros ou vídeos disponíveis na internet foram inseridas com a devida fonte. A finalidade da publicação é estritamente pedagógica.

Apresentação

Caros professores,

Este caderno pedagógico foi elaborado reconhecendo a importância da leitura literária nos anos finais do ensino fundamental, sobretudo a leitura integral de textos que possam instigar os estudantes a tocarem suas subjetividades de forma sensível. Desse modo, este e-book apresenta-se como resultado da pesquisa de mestrado intitulada *Contos do insólito em Mia Couto: propostas para a leitura literária no ensino fundamental II*, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no âmbito dos Estudos Literários.

O objetivo deste estudo foi explorar novas abordagens para o ensino de leitura literária no Ensino Fundamental II. A pesquisa envolveu turmas de 6º, 8º e 9º ano em uma escola estadual de Cariacica e buscou especificamente analisar como a leitura de contos de ficção insólita pode oferecer alternativas para a prática da leitura literária e para a expressão do leitor.

Com o propósito de contribuir com outros professores e o desenvolvimento de atividades de leitura com sentido para estudantes da escola básica, este caderno propõe atividades de leitura em círculos multisseriados, a leitura subjetiva e o registro do leitor em diários de leitura. Desejamos que as sensações inusitadas que o insólito provoca sejam aberturas pela quais os estudantes consigam enxergar outras formas de ser, repensando suas experiências, sobretudo o próprio ato de ler.

Sumário

I. FUNDAMENTOS

01 TEORIAS DO INSÓLITO.....	10
02 O UNIVERSO DE MIA COUTO.....	12
03 LITERATURA NA ESCOLA.....	14

II. METODOLOGIA EM PRÁTICA

04 CÍRCULOS DE LEITURA MULTISSERIADOS.....	16
05 SUBJETIVIDADE E DIÁRIOS DE LEITURA.....	18

III. CÍRCULOS DE LEITURA

06 CÍRCULOS DE LEITURA: APRENDENDO A LER NA COLETIVIDADE.....	21
06.1 TEMÁTICA 01: COISAS DE FAMÍLIA	22
06.2 TEMÁTICA 02: AMOR E AMIZADE	26
06.3 TEMÁTICA 03: LOUCURA, SANIDADE E DIFERENÇA.....	30
06.4 TEMÁTICA 04: FANTASMAS E O ASSOMBRO DO FANTÁSTICO	33

IV. CONCLUSÃO

07 CULMINÂNCIA DAS ATIVIDADES	37
08 REFERÊNCIAS.....	39

1. O Entrelaçar de Conceitos: Mágico, Maravilhoso e Fantástico

O universo da Teoria Literária é repleto de categorias que buscam dar sentido às vastas produções artísticas e, no que tange à inserção do insólito e do sobrenatural na prosa, os termos realismo mágico, realismo maravilhoso e fantástico são frequentemente empregados, gerando sobreposições e debates teóricos cruciais. Para o professor de literatura, a compreensão dessas distinções – e suas interconexões – é fundamental para guiar o estudante a uma leitura mais lúdica, reflexiva e crítica dos textos.

O termo realismo mágico foi popularizado na crítica literária por Arturo Uslar em 1948, referindo-se aos contos venezuelanos. Ele sugere uma "negação poética da realidade", onde o insólito e o sobrenatural se misturam ao cotidiano e são aceitos sem grande estranheza pelos personagens.

No contexto latino-americano, muitos críticos, como Leonardo Padura (1989) apontam que ele se apoia fortemente no subconsciente coletivo e nas crenças populares. O elemento insólito/sobrenatural também está presente, mas, para alguns teóricos, o foco é menos na crença coletiva e mais na forma como o escritor percebe o extraordinário na própria realidade do continente.

Tanto no mágico quanto no maravilhoso, há a presença de eventos insólitos ou sobrenaturais mesclados à vida diária. O importante é o estranhamento e o impasse que isso gera no leitor, convidando-o a questionar a verossimilhança e o "efeito de real".

A distinção mais importante para a análise formal reside na categoria do fantástico, conforme a definição clássica de Tzvetan Todorov (2004). Para ele, o fantástico reside na hesitação — o momento em que o leitor (e por vezes o personagem) não consegue decidir se o evento insólito pertence ao mundo da razão (explicado) ou ao mundo do maravilhoso (regras próprias).

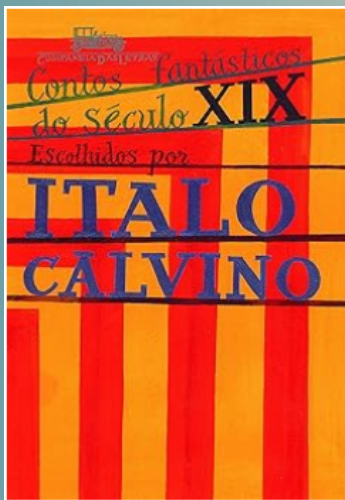
A finalidade do fantástico, portanto, é menos a celebração cultural e mais o questionamento da realidade e dos limites da percepção humana.

A leitura do insólito na sala de aula, além de enriquecer o repertório do estudante, oferece ferramentas poderosas para desenvolver o pensamento crítico e a leitura engajada.

A quebra de expectativa provocada pelo insólito pode tornar-se uma porta de entrada para a discussão sobre a verossimilhança.

A inclusão do que é inexplicável na narrativa rompe com a expectativa de que o texto deva ser um espelho do possível, promovendo um estudo mais lúdico e reflexivo dos textos literários como verdadeiros criadores de mundos (Iser, 1996).

Sugestão de leitura



A coletânea *Contos fantásticos do século XIX* reúne 26 contos selecionados por autores de diversas nacionalidades e distribuídos em 520 páginas. A obra conta com tradução colaborativa e apresenta sua estrutura dividida em duas categorias: o fantástico visionário e o cotidiano.

O livro traz introdução e comentários de Italo Calvino para cada história.

2. O projeto literário de Mia Couto

António Emílio Leite Couto nasceu em 5 de julho de 1955, na cidade da Beira, em Moçambique, então uma colónia portuguesa. Filho de imigrantes portugueses, ele se insere no contexto histórico-social que culminaria na independência do país.

Após a independência de Moçambique em 1975, Couto trabalhou na Agência de Informação de Moçambique (AIM) e em diversos jornais e revistas, como *Tribuna* e *Notícias*. Sua proximidade com o contexto político e social do país moldou sua visão crítica e sua preocupação em documentar e expressar as complexidades da identidade moçambicana pós-colonial. Posteriormente, ele retornou à universidade e se formou em Biologia, área na qual também desenvolveu uma importante carreira, especialmente em projetos de conservação ambiental.

Sua escrita se distingue por explorar a dissolução das fronteiras — entre o real e o imaginário, o português e o moçambicano — o que constitui um alicerce fundamental do seu legado cultural e de sua experiência como indivíduo em um período de formação nacional (Chaves, 2013, p. 13).

A produção literária de Couto o posiciona como um representante da literatura africana de expressão lusófona identificada como "pós-independência". Esta literatura surge após a emancipação dos países que foram colônias de Portugal e se caracteriza pela afirmação de uma identidade própria, muitas vezes assumindo um discurso de revisão da dominação cultural sofrida durante séculos, mesmo utilizando a língua do colonizador.

Sua ficção frequentemente explora a articulação entre identidade (pessoal, social, histórica) e memória coletiva, investigando as cicatrizes deixadas pelo colonialismo e os dilemas da construção nacional.

Através de narrativas que frequentemente utilizam o realismo mágico e o insólito, Mia Couto dá voz aos marginalizados e explora as paisagens oníricas e reais de Moçambique, oferecendo uma reflexão sobre o humano e as feridas da história. Sua obra não apenas denuncia as injustiças, mas celebra a riqueza cultural e a resiliência do povo moçambicano.

A obra *A menina sem palavra*, cujos contos foram sugeridos nas atividades deste caderno pedagógico, traz a dura realidade de Moçambique, abordando temas como a orfandade, o trabalho infantil e os perigos deixados pelos conflitos armados, como as minas espalhadas pelo território.

Mesmo ao tratar de temas dolorosos e de um passado violento, o autor utiliza uma linguagem sensível e delicada para dar voz a essas experiências. Utilizando o absurdo de situações, personagens instigantes, cenários e eventos inesperados, os contos podem trazer à tona muitas oportunidades de diálogo sobre temas importantes para os adolescentes e que, no contexto da escola, podem ser encarados de forma sensível pela literatura.

Conhecendo o autor



O programa Café Filosófico Fronteiras do Pensamento do Instituto Cpfl em parceria com a Tv Cultura.

Com mediação da jornalista Fernanda Mena, o autor fala de sua vida e produção literária.

Disponível na plataforma Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=3BbruWdNhf8&t=30s>



Outros contos de Mia Couto

Composta por 29 contos curtos, a obra *O Fio das Missangas* destaca-se pela prosa poética. Mia Couto utiliza uma linguagem acessível que ecoa o cotidiano moçambicano e dá voz às mulheres, que narram suas próprias histórias e inquietações. O uso da primeira pessoa reforça o caráter reflexivo desses contos, centrados no ponto de vista feminino.

3. O conto insólito na escola

A leitura literária na escola, frequentemente, se depara com a escassez de tempo, resultando muitas vezes em uma abordagem fragmentada. O cotidiano da sala de aula, com suas demandas de gestão (chamada, organização, etc.), conteúdo programático e atividades avaliativas, pressiona o tempo disponível para a imersão em obras longas.

Historicamente, a solução para a falta de contato com o texto literário integral foi a inclusão de trechos e excertos nos livros didáticos. No entanto, essa prática, conforme apontado por Mortatti (2018, p. 22), frequentemente reduz a literatura a um mero pretexto para o desenvolvimento de objetivos e conteúdos ignorando a totalidade do texto e suas possibilidades como obra de linguagem.

Diante disso, muitos educadores têm optado pelo trabalho com o conto, um gênero que oferece uma solução prática e pedagógica. Ernani Terra destaca a vantagem dessa escolha:

"[...] por ser uma narrativa condensada, é possível ler um texto integral em pouco tempo, o que se pode fazer na própria sala de aula, sobrando tempo para discussão sobre o que foi lido e fazer relações com outros textos [...]" (Terra, 2019, p. 39).

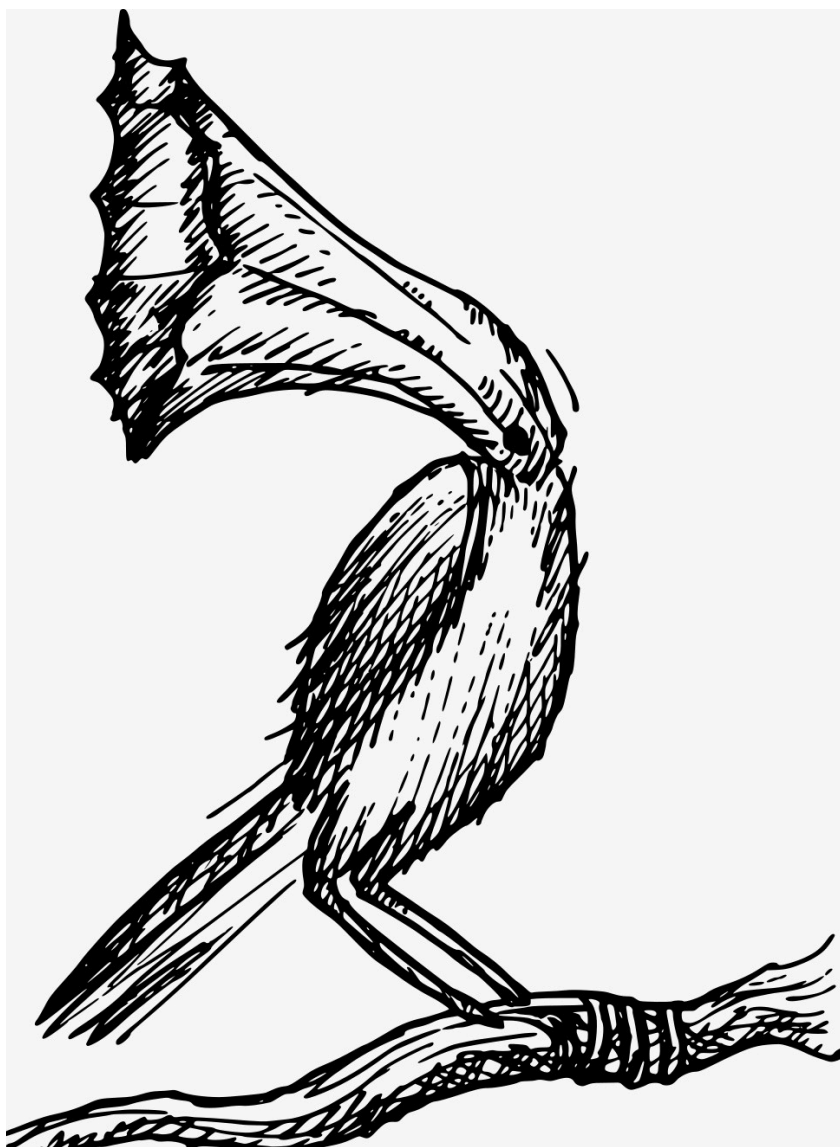
A leitura de um texto na íntegra, mesmo que breve, é crucial para a formação de um leitor que compreenda a obra em sua totalidade.

Outra grande virtude do conto é sua eficácia como laboratório de estudo dos elementos narrativos. As características inerentes ao conto – narrador, narratividade, personagem, tempo e espaço – estão presentes em diversos outros gêneros, do romance à novela, e até mesmo em textos não ficcionais, como notícias e relatos.

Segundo Terra (2019, p. 40), essa transposição de conceitos confere ao estudante a competência para "ler não apenas gêneros narrativos ficcionais mais extensos como o romance e a novela, mas também textos não ficcionais como notícias e relatos e, até mesmo, textos cujos plano da expressão se manifesta em outras semióticas como novelas gráficas, tiras, filmes." O conto, portanto, atua como um gênero-chave para o desenvolvimento de uma leitura multimodal e abrangente.

Como Julio Cortázar (1993, p. 148) observou sobre sua própria produção, o gênero fantástico se contrapõe ao "falso realismo" que supõe um mundo harmoniosamente regido por leis e causas/efeitos definidos. Para Cortázar, a literatura deve ser orientada pela suspeita da existência de outra ordem, mais secreta e menos comunicável", valorizando as exceções às leis, e não apenas as leis em si.

Ao mergulhar nas histórias insólitas, o leitor é convidado a perceber as estratégias de construção do texto, identificar as pistas e sugestões do autor e desenvolver um repertório que o capacite a ler criticamente, reconhecendo que o efeito de real presente nos textos é provisório e não um espelho fiel da realidade.



4. Círculos de leitura multisseriados e mediação na leitura literária escolarizada

A defesa de oportunidades de leitura na escola que ofereçam diversas dinâmicas e ampliem os repertórios dos alunos do Ensino Fundamental é importante para a formação de leitores autônomos e críticos. Com esse horizonte, propomos uma abordagem de trabalho com os contos da obra de Mia Couto que articula o registro individual e a troca coletiva, culminando nos Círculos de Leitura.

A partir da leitura individual, o trabalho cresce para a esfera da socialização por meio dos Círculos de Leitura. Os Círculos de Leitura Multisseriados oferecem a oportunidade de compartilhar experiências de leitura fora da lógica seriada. A atividade se torna uma troca constante entre estudantes de diferentes idades e níveis de ensino, focando no texto literário e não apenas nas divisões curriculares.

Do ponto de vista pedagógico e psicológico, essa configuração estimula o desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), especialmente entre os alunos mais novos (6º ano), e o nível de desenvolvimento potencial nos estudantes das séries finais (8º e 9º ano).

Alunos do 6º ano (Pré-adolescentes) podem alcançar maior capacidade de abstração e leitura mais atenta ao interagir com pares mais velhos e experientes.

A metodologia também desafia a práxis comum nas escolas, exigindo que o professor reinvente o espaço, as metodologias e a avaliação para além do modelo seriado (Panni & Duarte, 2018).

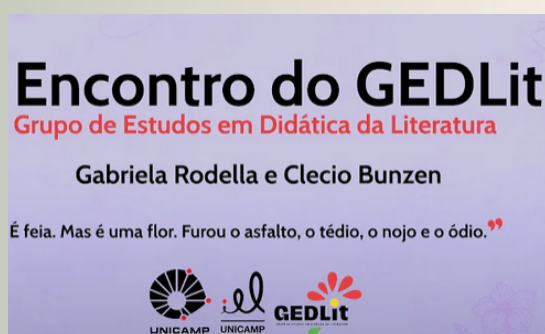
Ao romper com as relações de uma organização educacional hierarquizada e homogeneizadora, a multisseriação nos círculos de leitura favorece a criatividade, a leitura dinâmica, a aproximação entre professor e aluno, e o acesso a obras literárias em perspectivas menos formais, quebrando o paradigma da leitura e avaliação tradicionais.

A proposta de leitura entre os participantes do 6º ao 9º ano em círculos multisseriados pretende deixar que o livro embora apresentado em contexto escolarizado se torne uma experiência cultural de troca entre adolescentes, com movimentos que só poderiam partir da experiência infanto-juvenil. Assim, os participantes contam com o direcionamento da professora especialista e sua experiência para conduzir as rodas de leitura, entretanto, o foco deste trabalho é o incentivo à mediação leitora e a leitura entre pares.

O exercício de mediação proposto tem como objetivo estimular trocas literárias entre turmas, de modo que os estudantes aprendam a selecionar textos e compartilhem com outros, atentarem para adequação de postura e linguagem com turmas menores e para a possibilidade de aprendizado com turmas que estão concluindo o ensino fundamental, como no caso do 9º ano.

Formação docente

Nesse encontro do GEDLit (Grupo de Estudos em Didática da Literatura - Unicamp), os professores Gabriela Rodella e Clecio Bunzen compartilham experiências de sala de aula e possibilidades para a utilização do diário de leituras no estudo do gênero memorial e registros do leitor.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=J0mFtUvFChs>

5. A leitura subjetiva como formação de si e a expressão do leitor nos diários de leitura

A leitura literária é frequentemente uma expressão ambígua nos documentos escolares. Ora é elevada a uma dimensão sacralizada e inacessível, ora é reduzida a mero prazer individual guiado pelo gosto passageiro. Soma-se a isso a leitura escolarizada, vista como conteúdo a ser aferido em provas ou projetos isolados, distante do cerne da prática docente diária.

Propomos que a leitura literária na escola deve ter como objetivo primordial a formação de leitores para além da realização de resumos e atividades avaliativas, embora estas sejam formas legítimas de sistematização. A leitura deve abrir espaço para diversos movimentos: a leitura individual e silenciosa e a leitura em voz alta e coletiva.

A escola, tradicionalmente, privilegia a leitura analítica. Segundo Rouxel (2012), esta é a modalidade que se concentra nos detalhes do texto e nos aspectos formais, sendo, na maioria das vezes, uma prática escolar voltada à aprendizagem e avaliação de saberes e competências.

Em contrapartida, a leitura subjetiva surge como uma porta de entrada para o adolescente. Acostumado à análise formal, o estudante pode, através dela, dar vazão à sua subjetividade, explorar suas impressões, testar sua capacidade interpretativa de forma mais pessoal, e estabelecer uma identificação com os enredos e personagens.

A leitura subjetiva não se dissocia da analítica, mas a complementa. Rouxel (2013) explica que a projeção do mundo do leitor no texto é uma "mestiçagem entre o texto do autor e o imaginário do leitor".

Aliado ao exercício da leitura subjetiva, o diário de leitura emerge como uma ferramenta poderosa. Ele permite a expressão dos leitores juvenis que, muitas vezes, sentem-se inibidos em tecer comentários em voz alta.

O diário proporciona a oportunidade de o leitor elaborar e criar o texto, uma dimensão esquecida nas aulas de Literatura, focadas na "checagem" da compreensão. Langlade (2013) enfatiza que:

"Se admitirmos que uma obra literária se caracteriza por seu inacabamento, somos levados a pensar que ela só pode realmente existir quando o leitor lhe empresta elementos de seu universo pessoal." (Langlade, 2013, p. 35).

Os registros no diário auxiliam o aluno a lembrar de suas impressões, dúvidas e sensações, permitindo que ele se expresse de forma pessoal antes de compartilhar com os colegas. Essa prática, segundo Machado (2005), permite que o aluno "assuma e expresse sua voz" em diálogo com o texto, os colegas e o professor.

Para que o diário cumpra sua função transformadora, ele precisa superar a lógica de ser apenas mais uma atividade a ser entregue. É aqui que recorreremos ao conceito de hypomnémata, conforme estudado por Michel Foucault a partir das práticas filosóficas da Antiguidade (inspiradas em Sêneca).

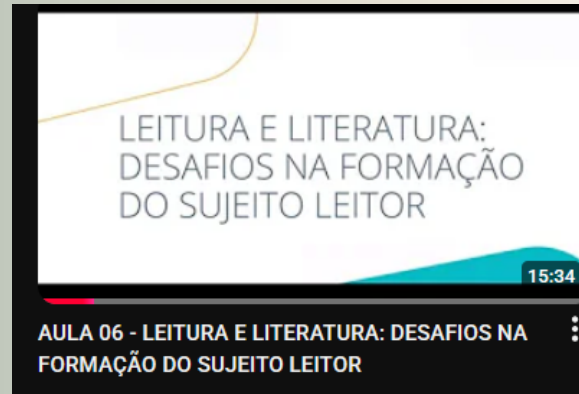
O hypomnematas não eram um diário íntimo (de expressão do eu), mas sim um caderno de notas e registros prático. O indivíduo anotava leituras, reflexões e preceitos para a vida com o objetivo de constituir-se moralmente.

O registro no diário, ao deslocar a leitura literária do lugar de relativismo para uma atividade que interfere no desenvolvimento pessoal e amadurecimento, permite que o aluno compreenda que se lê e se escreve também para si na escola.

Ao invés de apenas expressar o eu (como em um diário pessoal), o hypomnémata na escola se torna a fabricação do eu. O aluno utiliza o texto literário como estímulo para o pensamento individual, permitindo que a ênfase da leitura se desloque da intenção autoral ("O que o autor disse?") para o efeito subjetivo ("Qual o impacto deste texto em mim e como ele dialoga com minha realidade?").

Formação docente

Formação da Faculdade de Educação - Núcleo de Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP) da Universidade de São Paulo - aula sobre leitura literária com a professora Silvia Colello.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JomFtUvFCBs>

Sugestão de leitura

A obra *Leitura Subjetiva e Ensino de Literatura*, organizada por Annie Rouxel, Gérard Langlade e Neide L. de Rezende, destaca-se como um texto importante para educadores por defender a inclusão da subjetividade no contexto escolar. Os autores propõem um modelo pedagógico onde a bagagem emocional e as percepções individuais do aluno são partes integrantes do estudo literário.



6. Círculos de Leitura: Aprendendo a Ler na Coletividade

Em defesa de oportunidades de leitura na escola que ofereçam diversas dinâmicas e repertórios aos alunos do ensino fundamental, pensamos numa proposta de trabalho com contos insólitos que passe pela leitura individual e registro nos diários de leitura pelos alunos do 6º, 8º e 9º ano e que cresça tendo como culminância os círculos de leitura.

Para fortalecer esse processo, sugerimos a metodologia dos Círculos de Leitura em formato multisseriado (6º ao 9º ano) e a escrita do leitor nos diários de leitura. Acreditamos que a reunião de alunos de idades diferentes cria um ambiente de troca genuína, em que cada participante aprende e ensina ao mesmo tempo. As leituras tornam-se mais ricas porque as perguntas, experiências e sensibilidades variam conforme a idade. Essa diversidade faz o grupo avançar coletivamente, valoriza o protagonismo do aluno e incentiva a escuta.

As propostas dos círculos de leitura deste capítulo consideram a leitura de contos da obra *A menina sem palavra*, de Mia Couto e contos de outros autores como Murilo Rubião e Carlos Drummond, ampliando a leitura do insólito por estudantes do ensino fundamental II.

6.1 Círculo de leitura 1 : coisas de família

Atividades:

- Leitura literária de contos insólitos;
- Leitura em círculos multisseriados e mediação de leitura;
- Registro do leitor em diário de leituras;

Turmas: 6º ao 9º ano

Tempo: 3 aulas de 50 minutos

Objetivos:

- Estímulo à leitura subjetiva e expressão do leitor;
- Proporcionar ambiente favorável à conversa literária, mediações de leitura e rodas de conversa;

Contos selecionados:

- “A menina sem palavra” - Mia Couto;
- “A menina do futuro torcido” - Mia Couto;
- “O dia em que explodiu Mabata- bata” – Mia Couto;



Preparação dos grupos:

- Ao organizar os grupos de 4 a 6 pessoas, certifique-se de que haja pelo menos um representante de cada ano em cada mesa.
- Procure locais tranquilos do ambiente escolar para que os grupos se reúnam: biblioteca, pátio, auditório.
- Em turmas maiores é necessária a colaboração dos professores regentes para que os grupos multisseriados funcionem. Os professores devem orientar sobre a colaboração do aluno mediador de leitura e demais estudantes do grupo.

Sugestões do professor

Antes da leitura dos contos, sugerimos que o professor questione os estudantes sobre histórias familiares ou contadas por amigos em que eventos insólitos e estranhos acontecem. Incentive os participantes que se sentirem à vontade que contem para a turma a história e um pouco de como a ouviu pela primeira vez.

Essa aproximação de história já familiares, pode facilitar o trabalho com o tema selecionado para este círculo de leituras.

O professor regente deve explicar à turma a função de um mediador de leituras (leitura em voz alta, orientação do grupo e da ordem de leitura, instigar a fala dos participantes) e anotar os nomes dos estudantes que se voluntariarem para a função. Caso os estudantes fiquem tímidos ou haja pouco engajamento, é possível trabalhar com fichas de funções, conforme sugeridas por Cosson (2021).

Com as fichas, os estudantes se revezam nas funções de acordo com o andamento das leituras.

Sugerimos as seguintes funções:

1. Conector – relaciona a obra com a vida;
2. Questionador – prepara perguntas sobre a obra para os colegas;
3. Iluminador de passagens – escolhe um trecho para explicar para a turma;
4. Dicionarista – anota as palavras desconhecidas e pesquisa o seu significado;
5. Pesquisador – busca informações contextuais relevantes para o texto.

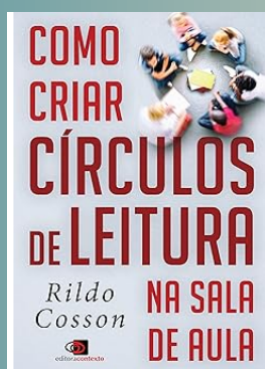
Após os círculos de leituras, destine uma aula de 50 minutos para que os alunos registrem em seus diários de leitura o que leram, perceberam dos textos. É importante frisar com as turmas de que não se trata de um diário pessoal, mas um diário que pode ser relido e consultado com uma reunião de trechos, anotações e memórias de leituras. O diário de leituras deve ser compreendido como um catálogo pessoal e de repertórios de leituras.

A leitura do conto “A menina do futuro torcido” pode apresentar-se como uma oportunidade de conversar sobre a temática do trabalho infantil, presente na vida de muitas crianças brasileiras.

É possível utilizar a ambição do pai da personagem Filomeninha para introduzir o conceito de exploração.

- O conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”, também traz a realidade de muitos jovens que trabalham para ajudar a família, o valor da escola para as crianças, a problemática das minas terrestres e os resquícios da guerra em Moçambique. O professor pode orientar a roda de conversa relendo trechos e mostrando como o insólito e a fantasia podem ajudar no enfrentamento dos desafios da vida cotidiana.

Sugestão de leitura



Em *Como criar círculos de leitura na sala de aula*, Rildo Cosson propõe uma organização para a metodologia em sala de aula, elencando estratégias e possibilidades para a leitura coletiva dos estudantes da escola básica.

6.2 Círculo de leitura 2 : amor e amizade

Atividades:

- Leitura literária de contos insólitos;
- Leitura em círculos multisseriados e mediação de leitura;
- Registro do leitor em diário de leituras;

Turmas: 6º ao 9º ano

Tempo: 3 aulas de 50 minutos

Objetivos:

- Estímulo à leitura subjetiva em círculos de leitura e expressão do leitor utilizando a metodologia dos diários de leitura;
- Promover oportunidades para a escrita do leitor e relatos de experiência.

Contos selecionados:

- “O embondeiro que sonhava pássaros” – Mia Couto;
- “Bárbara” – Murilo Rubião

Etapa de Sensibilização: A Árvore-Ancestral

- Início:

Explicar brevemente a importância da natureza e do baobá nas histórias africanas, para isso, sugerimos reproduzir o áudio da lenda *O baobá* narrada pelo contador de histórias Roberto Carlos Ramos. A intenção é que os alunos percebam um pouco do que é ouvir histórias ao invés de lê-las, notando uma característica da cultura popular de Moçambique que são os provérbios e as histórias contadas de forma oral.

- Apresentar a imagem de um Baobá (Embondeiro). Questionar os alunos: "O que uma árvore pode testemunhar ao longo de séculos?".
- As respostas dos estudantes podem ser coladas no desenho de um baobá produzido pela turma ou penduradas com fitas nos galhos de uma árvore da escola. A proposta é que os alunos se conectem com a história contada.

Essa atividade pode proporcionar um contato maior com a cultura e cenário do conto "O embondeiro que sonhava pássaros", levando os estudantes a perceberem a mística que envolve essa espécie de árvore para muitas culturas africanas.

Orientações: O professor pode reproduzir o áudio ou ele mesmo recontar a história para as turmas. A atividade pode ser adaptada de acordo com a faixa etária dos alunos e realidade escolar.

É importante atentar-se para escolher um momento mais tranquilo das aulas para que os estudantes escutem com mais atenção e aproveitem melhor a experiência.

Leitura I: "O Embondeiro que Sonhava Pássaros" (Mia Couto)

O primeiro texto apresenta o passarinho — um homem negro que carregava gaiolas com muitos pássaros, tocava gaita atraindo a curiosidade das crianças— e o menino Tiago.

Temas para serem explorados no círculo de leituras:

Reflexões sobre o Racismo e a Resistência

Logo no início do texto é possível que os alunos identifiquem o preconceito dos moradores do "bairro dos brancos" (colonos portugueses), que questionavam a presença do homem negro vendedor de pássaros.

Conexão com a Realidade: Relacionar o texto a outras atividades realizadas na escola sobre a temática da equidade racial e experiências/relatos pessoais.

A Amizade como Refúgio: Tiago, ao contrário de seus pais, via no passarinho e no embondeiro (baobá) uma fonte de sabedoria e magia. Essa temática no conto pode servir como motivação para roda de conversa sobre como algumas culturas podem ser apagadas socialmente e a diversidade cultural brasileira devido ao contato com vários povos.

O Final Poético (e Trágico) do conto

A literatura, como aponta Michèle Petit, também serve como uma moradia provisória, ajudando os jovens a nomear dores e transformar experiências difíceis.

Assim, é importante que os estudantes sejam estimulados a registrarem em seus diários de leitura a experiência com a leitura de um conto com final triste ou trágico. O professor pode auxiliar os mediadores com questionamentos sobre o enredo e reflexões sobre as sensações que o conto provocaram.

Leitura II: Bárbara - Murilo Rubião

O círculo avança nesse ponto para o realismo fantástico brasileiro com a leitura de Murilo Rubião. O conto "Bárbara" narra a história de uma mulher cujos desejos insaciáveis a fazem engordar de forma sobrenatural, enquanto seu marido tenta, sem sucesso, satisfazê-la.

A expressão dos estudantes participantes podem ser estimulada por desenhos, colagens, textos pessoais. Assim, é importante destinar uma aula somente para que os alunos registrem nos diários.

Lendo em grupos menores, o professor deve estimular entre os alunos não apenas o "entendimento da história", mas sobre se entender na história, na identificação ou rejeição ao comportamento dos personagens e narrativa.

6.3 Círculo de leitura 3 : Entre Loucos e Sãos – O Direito à Diferença

Atividades:

- Leitura literária de contos insólitos;
- Leitura em círculos multisseriados e escrita do leitor em diário de leituras;
- Rodas de conversa e exibição de filme.

Turmas: 8º do 9º ano

Tempo: 3 aulas de 50 minutos

Objetivos:

- Estímulo à leitura subjetiva em círculos de leitura e expressão do leitor utilizando a metodologia dos diários de leitura;
- Estímulo à fala, elaboração e opinião dos estudantes em rodas de conversa.
- Contato com o universo da "loucura", não como diagnóstico médico, mas percebendo as implicações do isolamento social e do confronto com as normas da sociedade.

Aquecimento:

Leitura coletiva do poema "Dois loucos no bairro", de Paulo Leminski;

Roda de conversa e identificação de personagens da comunidade – quem são os loucos que conhecemos? Estímulo à memória e reconhecimento das pessoas que vivem no anonimato da loucura.

- **Humanizar o tema:** perceber a loucura não como um "monstro" mas uma realidade próxima - no vizinho que conhecemos, no familiar que sofre, no colega que convivemos na escola.
- **A Ciência do Afeto:** Exibição do vídeo *Nise da Silveira, a revolução pelo afeto*, sobre o tratamento de pessoas com transtornos mentais na sociedade e socialização. O vídeo conta a história da médica psiquiatra brasileira Nise da Silveira, que revolucionou a terapia ocupacional transformando alas psiquiátricas em oficinas criativas, em que os pacientes conseguissem se expressar pintando quadros, esculpindo e realizando bordados.

Leitura I: "A Rosa Caramela" (Mia Couto)

·Leitura em círculos multisseriados do conto (4 a 6 alunos) – cada grupo com um aluno mediador;

·Roda de conversa e registro em diário de leitura sobre a percepção que os estudantes tiveram dos personagens;

Atividades Propostas

Atividade 1:

Produção textual

Peça aos alunos que escrevam uma narrativa curta que contenha um elemento insólito (algo estranho que rompe a realidade comum).

Atividade 2:

Para alunos que preferem a linguagem visual, proponha a ilustração de uma cena que não está descrita visualmente no conto, mas que eles imaginaram (ex: o interior do casebre da Rosa ou o rosto de Juca).

3. Diálogo Literário: "A Doida" (Carlos Drummond de Andrade)

Para ampliar a discussão, propor a leitura do conto de Drummond sobre uma mulher que sofre a "pedrada" (literal e simbólica) das crianças do bairro por gerações.

- **Padrão de Exclusão:** Traçar paralelos entre as personagens Rosa e a Doida. Ambas sofreram abandonos (marido ou pai) e foram "empurradas" para a loucura pelo isolamento.
- **Conclusão Crítica:** Preparar momento simbólico em que os estudantes possam desenhar, teatralizar, musicalizar ou contar histórias que expressem suas opiniões sobre os temas abordados nas leituras dos contos.

6.4 Círculo de leitura 4 : Assombro dos Vivos: Fantasmas Fantásticos e Onde Habitam

Atividades:

- Leitura literária de contos insólitos;
- Leitura em círculos multisseriados e escrita do leitor em diário de leituras;

Turmas: 6º ao 9º ano

Tempo: 3 aulas de 50 minutos

Objetivos:

- Leitura literária de contos insólitos com a temática do sobrenatural.
- Discutir alteridade, ancestralidade e as diferentes percepções de mundo a partir da temática do assombro.
- Observar como diferentes nações narram o invisível e como essas histórias dialogam com a realidade dos estudantes.

Contos selecionados:

“Nas águas do tempo” - Mia Couto

“Flor, telefone, moça” - Carlos Drummond

“O morto que pagou sua dívida” - Florencia Ferrari

Planejamento:

Para quebrar a rotina escolar, a atividade foi estruturada fora da sala de aula tradicional:

- Espaço: Pátio e Biblioteca.
- Agrupamento: Grupos multisseriados (5 a 6 alunos de diferentes anos). A leitura de "adolescente para adolescente" enriquece o processo, diminuindo a dependência da figura do professor como único detentor do saber.
- Tempo: Duas aulas de 50 minutos para as leituras e uma aula dedicada ao registro nos diários de leitura.

A Trilha de Leituras: Três Faces do Sobrenatural

1) Ancestralidade em Mia Couto ("Nas águas do tempo")

Nesta obra moçambicana, o fantasma é o namwetxo moha: um ser feito de metades (um olho, uma perna).

- A Reflexão: Debater com os estudantes visão africana de fantasma, que difere da ocidental por estar intrinsecamente ligada à natureza e à continuidade da vida através da ancestralidade.
- Perceber que a história não é apenas sobre medo, mas sobre o laço entre avô e neto (ancestralidade).
- O Impacto: pedir que os alunos registrem suas impressões.



2) A Lenda Urbana em Carlos Drummond de Andrade (“Flor, telefone, moça”)

Um clássico do realismo fantástico brasileiro onde uma moça é atormentada após furtar uma flor de uma sepultura.

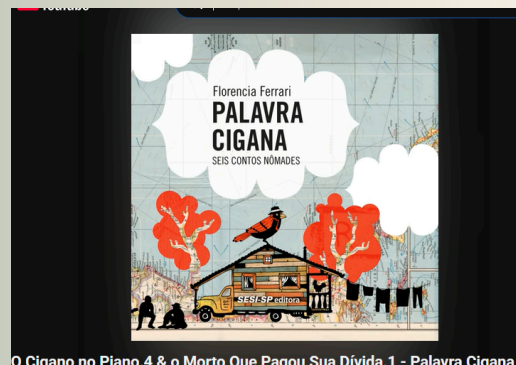
- O clima de suspense e a falta de uma resposta clara (era um fantasma ou uma peça pregada?) pode instigar o debate na turma.
- **Conexões:** lembrar outras lendas urbanas em que os estudantes reconheçam a presença do insólito ou sobrenatural. Pedir que os alunos tentem contá-las oralmente e comparar as diferenças entre as versões apresentadas.
- Observar que no realismo mágico ou fantástico, o sobrenatural é tratado com uma normalidade inquietante.

3. A Tradição Oral Cigana (“O morto que pagou sua dívida”)

Utilizando o suporte audiovisual (contação de histórias da autora Florencia Ferrari no YouTube), os alunos podem explorar contos da tradição cigana.

Para ouvir

Contos da tradição cigana da obra *Palavra Cigana - seis contos nômades*, narrados e disponíveis na plataforma Youtube pela autora Florencia Ferrari.



O Cigano no Piano 4 & o Morto Que Pagou Sua Dívida 1 - Palavra Cigana

- A escuta atenta dos narradores permite uma imersão sensorial;
- Conversar sobre a cultura cigana e a contação de histórias como forma de repassar conhecimentos e culturas entre gerações;

De professor para professor: notas pedagógicas

- Segundo Foucault (1992), a escrita de si tem uma função "etopoiética", transformando a verdade lida em uma experiência ética e pessoal. Ao permitir que o aluno escreva sobre suas inquietações, a escola valida sua subjetividade.
- O insólito pode causar reações diversas entre os estudantes, desde a identificação até a repulsa. O professor deve se preparar para essas reações e orientar que o estudante expresse seus sentimentos, por mais conflitantes que possam parecer, na escrita livre em seu diário de leitura.
- O diário de leitura pode receber expressões diversas: desenhos, colagens, citações, registros pessoais sobre as leituras, textos. É importante descolar a atividade de registro no diário de uma atividade corriqueira somente para avaliação escolar, no entanto, o professor pode avaliar de forma processual a constância de escrita nos diários e incluí-la como nota.
- Lembre ao estudante que o diário de leituras é um objeto pessoal dele, que poderá ser relido e consultado. Essa informação pode motivar a participação mais engajada.
- O registro nos diários de leitura deve acontecer em ambiente em que os estudantes possam ter acesso à tesoura, cola, revistas para recorte, papéis coloridos, canetinhas, canetas esferográficas e lápis de escrever. Para isso, o professor pode utilizar a sala de artes da escola, biblioteca, pátio interno ou mesmo a sala de aula, com adaptações para que se transforme em ambiente lúdico e mais acolhedor possível.
- Trazer movimento e ludicidade para os momentos de leitura e escrita pode proporcionar boas memórias e participações: sentar no chão, em roda, em ambientes externos, estimular a roda de conversa, a contação de histórias.

7 *Culminância e encerramento dos círculos de leitura*

Considerando que as atividades e círculos de leitura propostos neste caderno pedagógico estimulam a leitura subjetiva, a escrita do leitor e a mediação de leitura entre pares, sugerimos também que a atividade de encerramento com as turmas seja personalizada de acordo com as demandas e respostas que os grupos de alunos deram aos encontros. É importante que não se perca de vista a participação ativa dos estudantes.

A seguir, algumas propostas para o encontro de encerramento dos círculos de leitura:

Piquenique literário - socialização entre os grupos de leitura multisseriados. O professor pode reler com os grupos um conto marcante, os estudantes podem levar outros textos que dialoguem com os temas abordados nos círculos de leitura e o lanche compartilhado pode dar o tom descontraído para que alunos de diferentes turmas conversem sobre os momentos mais marcantes, suas percepções.

Teatro - Alunos do 8º ou 9º ano podem escolher um dos contos lidos e dramatizá-lo para os alunos menores do 6º ano. Nesta atividade os estudantes pensarão em como adaptar a linguagem e enredo para que outros alunos em séries diferentes aproveitem a história, aguçando sua criatividade e retomando suas leituras.

O professor pode auxiliar dando dicas sobre os narradores, os personagens, orientar a escolha do vestuário e cenário, no entanto, é importante que a produção parta dos alunos (o professor pode sugerir essa atividade atentando-se para o perfil da turma).

Sarau - Contação de histórias insólitas. Os estudantes devem memorizar histórias com eventos insólitos e compartilhá-las com a turma em um sarau, em local previamente acordado com a escola e em que a turma fique à vontade para sentar-se ao chão, em roda e de forma mais descontraída.

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossa gratidão a você, leitor, por caminhar conosco pelas páginas deste caderno pedagógico. A elaboração deste material nasce do desejo genuíno de fortalecer a leitura literária e de oferecer novas perspectivas para o trabalho com textos que tocam a subjetividade e a sensibilidade dos estudantes no Ensino Fundamental II.

Agradecemos por seu interesse em explorar as possibilidades da ficção insólita e por acreditar, junto conosco, que o ato de ler pode ser uma porta aberta para novas formas de enxergar o mundo e repensar experiências. Esperamos que as propostas aqui apresentadas sirvam como inspirações válidas em sua prática docente e jornada de pesquisa.

Os autores

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos de aprendiz**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHAVES, Rita. Missangas em firme fio: o conto em Mia Couto. In: CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (org.). **Mia Couto – um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

CORTÁZAR, Julio. Alguns Aspectos do Conto. In: **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

DUARTE, C. G.; PANNI, M. T. A sabotagem como arte (arteira) para uma docência não-fascista. **Teia** – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, v. 9, 2018.

FERRARI, Florencia. **Palavra cigana: seis contos nômades**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política: Ditos e escritos**. V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 144-162.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LANGLADE, Gerárd. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

LEMINSKI, Paulo. Dois Loucos no Bairro. In: **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Ana Rachel. **Diários de leituras: a construção de diferentes diálogos na sala de aula**. Linha D'Água, São Paulo, n. 18, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário. A leitura escolarizada (1988). In: **Entre a literatura e o ensino: a formação do leitor** [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 19-31. ISBN: 978-85-95462-85-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wxn94/pdf/mortatti-9788595462854-03.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

PADURA, Leonardo. **Lo Real Maravilloso Creación y Realidad**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1989.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. Leitura em regiões de conflito. **Revista Na ponta do Lápis**, São Paulo, ano VII, n. 16, mar. 2011.

PIETRI, Arturo Uslar. Realismo mágico. In: **Biblioteca virtual Miguel de Cervantes**. [s. d.]. p. 273-278. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/nuevo-mundo-mundo-nuevo--o/html/ff6f6ef8-82b1-11df-acc7-002185ce6064_10.html. Acesso em: 11 jul. 2017.

ROUXEL, Annie. O advento dos leitores reais. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272-283, abr. 2012. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So100-15742012000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2025.

RUBIÃO, Murilo. **O pirotécnico Zacarias e outros contos**. Organização de Humberto Werneck. Posfácio de Jorge Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TERRA, Ernani. O conto na sala de aula. **Revista Metalinguagens**, v. 5, n. 2, p. 33-45, jul. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004